

Laudatio: Leonardo Boff
Outorga do título de doutor honoris causa
pela Faculdades EST
São Leopoldo/RS, 15 de maio de 2008

Magnífico Reitor,
demais autoridades da mesa,
estimado homenageado, Leonardo Boff,
estimada Márcia Miranda,
colegas, estudantes, senhores e senhoras.

É com imensa alegria que estou proferindo estas palavras de homenagem ao nosso novo *doutor honoris causa*, Professor Doutor Leonardo Boff. Depois de um título honorífico em política outorgado pela Universidade de Turim, na Itália, e em teologia pela Universidade de Lund, na Suécia, a Faculdades EST tem agora a honra de outorgar o primeiro título desse tipo no Brasil.¹ Foi nesta terra que o neto de imigrantes italianos nasceu, em Concórdia/SC, onde estudou, onde aprendeu a ler e a trabalhar na roça, e onde quis ser, inicialmente, caminhoneiro. Enveredou, graças a Deus e pelo bem da humanidade e da academia, por outro viés. Entrou na Ordem dos Frades Menores, os franciscanos, formou-se como teólogo e foi ordenado padre. Movendo-se, aos poucos para o norte, via Curitiba para Petrópolis, chegou em Munique, na Alemanha, onde defendeu, em 1970, sua tese de doutorado sobre “A Igreja como sacramento no horizonte da experiência do mundo”, em plena efervescência pós-conciliar. A obra serve como referência até hoje.

¹ Fontes para o *curriculum vitae* de Leonardo Boff: <www.leonardoboff.com> Acesso em: 14 mai. 2008; GOLDSTEIN, Horst. **Leonardo Boff**: Zwischen Poesie und Politik. Theologische Profile. Mainz: Grünewald, 1994; SINNER, Rudolf von. **Reden vom dreieinigen Gott in Brasilien und Indien**: Grundzüge einer ökumenischen Hermeneutik im Dialog mit Leonardo Boff und Raimon Panikkar. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003. p. 61-76.

Recém chegado na Alemanha, Boff recebeu a primeira carta de casa que lhe contou sobre o falecimento de seu pai, junto com “um toco amarelecido de um cigarro de palha”, o último que o pai havia fumado. Esse toco de cigarro se tornou mundialmente conhecido nas tantas edições e traduções do livro do Leonardo sobre *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*.² Para Boff, é um sacramento – “recorda e torna presente o Pai”, como também os sacramentos da igreja recordam e tornam presente o Pai celeste mediante Jesus Cristo no Espírito Santo. Nessa pequena narrativa do toco de cigarro, o sacramento torna-se algo muito concreto, carregado de sentido, e demonstra bem como Leonardo Boff vem aproximando a teologia da vida e a vida da teologia em seus livros, em suas palestras e, não por último, em sua própria vida. Voltando da Alemanha para o Brasil, Boff logo foi alvo de investigações por parte da polícia política. Era perigo lançar artigos e finalmente um livro sob o título *Jesus Cristo libertador* naqueles anos de chumbo, onde somente restava fazer uma *Teologia do cativo*, como Boff ia dizer em outro livro posteriormente.³ Militando em muitas frentes, Boff foi professor de Teologia Sistemática e Ecumênica no seminário franciscano de Petrópolis por 22 anos. Em 1992, deixou a ordem franciscana e o sacerdócio na igreja oficial e prestou concurso para ser professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, onde permaneceu até se aposentar. É, sem dúvida, o mais requerido teólogo brasileiro como palestrante e autor, no país e no exterior.

Talvez seja estranho que exatamente um suíço fale sobre este primeiro título honorífico brasileiro de Leonardo Boff. Mas, por outro lado, talvez ajude a fazer jus à teologia de dimensão verdadeiramente planetária que está no coração do pensamento de Boff: a partir da fé cristã poder desenvolver uma teologia aberta para a interação com outras denominações, confissões, religiões, culturas, filosofias e demais posições que possam nortear a vida e a convivência. Embora atue com públicos muito diferentes, proferindo palestras em movimentos sociais, ONGs, sindicatos, grupos militantes, empresas, universidades e com frequência na mídia, e embora tenha grande facilidade de adaptar sua linguagem para ficar compreensível para o público específi-

² BOFF, Leonardo. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos**: Mínima sacramentalia. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

³ BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo libertador**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2004; **Teologia do cativo e da libertação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

co, nunca deixou de ser um teólogo profundamente enraizado na fé cristã. Continua franciscano de coração, embora não de batina. Continua pastor, embora não padre nos moldes canônicos. Continua teólogo, embora não professor de seminário. Continua católico, embora nem tanto romano.

Para fazer jus à sua vasta obra e todas as suas atividades, deveríamos ressaltar detalhes da teologia de Boff noite adentro, e ainda assim não daríamos conta. Muitos aspectos, contudo, viemos levantando ao longo da semana, no seminário sobre “Leonardo Boff e a Teologia Protestante”, cujos textos serão publicados no segundo caderno deste ano de nossa revista Estudos Teológicos. Será uma *Festschrift* para o homenageado ao completar, em 14 de dezembro, 70 anos cheios de vida. Que sigam muitos mais anos!

Como, então, fazer uma *laudatio* adequada e breve, sem testar em demasia a paciência do público e do próprio homenageado? Lembrei do lindo sítio em Araras onde mora o Leonardo com a Márcia, e onde tantos visitantes entram e saem – um lugar de hospitalidade, de convivência, de comensalidade, de debate, de devoção, às vezes até de descanso. Enxerguei aquele local como emblemático para a teologia do Leonardo, e pensei que poderá servir como estrutura para esta modesta *laudatio*.

No lugar onde o Leonardo trabalha há uma enorme janela com vista para os morros arborizados da região serrana do Rio de Janeiro. Um farto verde que inspira os pensamentos e, assim penso, deixa os olhos de vez em quando sair da tela do computador onde está escrevendo seu próximo livro ou reeditando um anterior, para acompanhar um pássaro, uma borboleta que lá dá as suas voltas, ou para simplesmente encher os olhos de clorofila, sinal da atividade intensiva e indispensável de restituir oxigênio ao nosso ambiente.

Atrás da mesa de trabalho, estantes com 10.000 livros – este número data de alguns anos, devem ser mais agora. Se a mente precisa se arejar com a natureza, ele se abastece também com o saber acumulado ao longo dos tempos e nas muitas culturas. Textos em latim, grego, italiano, alemão, espanhol, francês, inglês, até em português lá se encontram e são usados no momento certo. No meio dos livros, há o sofá ao lado da enorme lareira para sentar e discutir, ouvir e contar histórias, ouvir música erudita, transmitir pensamentos, desafiar-se para algo novo.

Do lado, nosso terceiro local, a cozinha. Também ela grande, com uma mesa pesada, rústica, sustentando a comida e a bebida simples, mas saborosa e edificante que lá se partilha ou prepara.

Talvez pareça que, desses locais, apenas o computador na mesa e os livros pudessem qualificar-se para ser mencionados numa *laudatio* para um título de uma Faculdade de Teologia. Mas penso que os três são fatores importantes tanto para a vivência e a con-vivência, quanto para o pensamento de Leonardo Boff. Vamos, então, por partes.

Primeiro: *Natureza*. Na linha traçada por Francisco de Assis, Boff vem defendendo a importância da vida em todas as suas formas, não apenas humanas. Seu primeiro livro publicado, que ficou um tanto na sombra do posterior *Jesus Cristo libertador*, foi sobre o *Cristo cósmico*. Chama a atenção que hoje, quase 40 anos depois, saiu uma reedição atualizada desse livro. Talvez hoje caia num chão mais fértil, quando o ser humano, por um lado, pergunta pelo seu lugar neste universo, cujas dimensões apenas estamos começando a imaginar, e por outro lado é nítida a ameaça das mudanças climáticas para toda a humanidade, criada, assim parece, em grande parte pelo próprio ser humano. Principalmente a partir dos anos 90 do século passado, com a conferência mundial da ONU sobre o meio ambiente, a Rio 92, Boff começa a escrever uma série de livros sobre a dignidade da terra, cujo grito justapõe, ou melhor, junta ao grito dos pobres. Foi naquela época que também deixou a ordem franciscana e o sacerdócio católico romano, sem, porém, como muitos acham, deixar a igreja católica ou a teologia para trás. Mas enquanto aquela “autopromoção ao estado de leigo”, como o Leonardo a chama, foi um processo muito doloroso, ele possibilitou uma escrita mais leve, mais ampla, para um público bem além da igreja e do seminário. Naquele momento, eu diria, o Leonardo se tornou escritor, antes de professor de cátedra. Tem alcançado muitas pessoas no Brasil e alhures com sua mensagem do cuidado pela vida, pela natureza, pelo ser humano. Merece destaque por ter sido, e continuar sendo, voz pioneira e importante na luta não apenas pela preservação do meio ambiente, mas por um novo mundo possível, da convivência de todos e todas. A *Carta da Terra*, de cuja confecção participou, mostra isto com clareza: “devemos reconhecer que no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com destino comum”. Daí decorrem os princípios de respeito e o cuidado da comunidade de vida, a integralidade ecológica, a justiça social e econômica e a democracia, não-violência e paz.

Segundo: *Livros*. Leonardo Boff lê livros, escreve livros e suscita livros. Ainda jovem, devorou obras completas como as de São Boaventura, Hegel, Santo Agostinho e Platão. Apesar de conterem grande número de

conceitos, Leonardo afirma que essas leituras fizeram-no desenvolver uma “teologia do coração’ que não suprima as emoções e que prefere exprimir-se em metáforas em vez de conceitos”⁴. O então padre Paulo Evaristo Arns, professor no seminário em Petrópolis, fez com que os estudantes participassem de campanhas de alfabetização nas favelas, mas também lessem os padres no original, grego e latim. Ensinou-lhes a combinar a fra-ternura humana com o vigor da aprendizagem. Durante sua estadia em Munique, Leonardo aprofundou-se não por último em literatura de autores protestantes, principalmente da exegese bíblica, como Gerhard von Rad, Rudolf Bultmann, Ernst Käsemann, entre outros. Friedrich Gogarten, Wolfhart Pannenberg e sobretudo Jürgen Moltmann deram pistas na elaboração da parte sistemática da teologia. Estava à procura de uma teologia que levasse a sério o mundo em sua relação com Deus, relação que descreveu como de transparência, a transcendência ficando visível na imanência. O Deus totalmente outro, transcendente, é também o Deus radicalmente íntimo, imanente, afinal o Deus através de todas as coisas, na transparência.

Nessa relação situou também a igreja, que, contudo, ficou cedendo lugar aos poucos ao próprio cosmo como sacramento de Deus, o sagrado presente no profano, Deus em sua criação. “No início de tudo está o encontro com Deus, não ao lado, dentro ou acima do mundo, mas juntamente com o mundo, no mundo e através do mundo”, diz Boff em seu livro *Experimental Deus: a transparência de todas as coisas*.⁵

Desde lá, tem produzido livros em grande número, além de inúmeros artigos, muitos deles traduzidos para as principais línguas modernas. Uma lista bastante completa está disponível em seu site, <www.leonardoboff.com>. São mais de 70 livros, muitos reeditados e revisados ao longo dos anos. Entre esses está a reedição do livro *Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja*, no qual as comunidades eclesiais de base são vistas como um “novo modo de toda igreja ser”⁶. É inegável que as CEBs tenham sido, mais talvez do que berços de uma nova igreja, berços de uma nova sociedade civil que pôde, aos poucos, assumir um papel fundamental na democratização deste país.

⁴ Apud GOLDSTEIN, 1994, p. 26.

⁵ BOFF, Leonardo. **Experimental Deus: a transparência de todas as coisas** [1974]. Campinas: Verus, 2002. p. 12.

⁶ BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: a reinvenção da igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008. esp. p. 83ss.

Leonardo Boff também suscita livros – grande é o número de estudos sobre sua teologia; e nesta semana, no referido seminário, tivemos a presença de seis pesquisadores, todos luteranos, em cujas teses a teologia de Leonardo Boff tem sido ao menos um dos focos da abordagem. É notável a produção teológica protestante inspirada por Boff e interagindo crítica e construtivamente com ele. A semana vem sendo um notável exercício de diálogo respeitoso, sem esconder as diferenças e os questionamentos, nem deixar de analisar e constatar os diferentes pensamentos e jeitos teológicos de franciscanos e luteranos. Tudo isso já justifica plenamente a outorga de um título honorífico por uma faculdade de tradição luterana. E não esqueçamos o que Boff escreve, por sua vez, sobre Lutero: “Ele [sc. Lutero] é um dos pais do espírito emancipatório moderno e um dos doutores comuns do cristianismo. Nele há inegavelmente uma aura libertária e uma coragem para o protesto que têm a ver diretamente com a teologia latino-americana de libertação”⁷. E ainda: “Lutero nos ajuda a todos a entendermos que a libertação deslança a partir do dom de Deus, que antes de qualquer ato histórico, por parte dos homens, toma a iniciativa. Essa consciência não desmobiliza as pessoas em seu engajamento de luta. Ao contrário, estimula-as com mais força a se lançarem na produção de boas obras na medida em que libertam o próximo”⁸.

Terceiro: *Cozinha*. Ouvir que alguém possui mais de 10.000 livros e escreveu mais de 70 pode fazer com que se imagine o homenageado, para quem não o conhece, como pessoa disciplinada e trabalhadora (isso com todo direito), mas também retraída, seca, arrogante, fora-do-mundo (adjetivos estes sem direito qualquer). Talvez não seja à toa que Boff tenha se entusiasmado mais pelo barrigudo Lutero do que pelo ascético Calvino, saboreando além *Da Liberdade Cristã*, pelo menos nas horas mais descontraídas e menos vigiadas, *Os discursos de mesa (Tischreden)*, dos quais citar a etiqueta desse solene evento não permite. O colega Hermann Brandt, professor desta casa nos anos 1970 e hoje professor emérito da Universidade de Erlangen-Nürnberg, na Alemanha, lembrou um momento significativo nesse sentido que me permito citar aqui: “Aconteceu no sábado, dia 9 de fevereiro de 1991, em Oslo, Noruega. Havia muita neve e fazia 17 graus abaixo de zero. O motivo era a defesa pública da tese de doutorado

⁷ Na apresentação do livro de ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**. Releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Paulo: Ática, 1994. p. 7.

⁸ BOFF, Leonardo. **Ética e eco-espiritualidade**. Campinas: Verus, 2003. p. 147.

de Kjell Nordstokke”, também ele posteriormente professor desta casa. Brandt continua: “O local era o famoso salão no qual anualmente são entregues os prêmios Nobel da Paz. Uma argüição de doutorado como essa é pública; estavam reunidas aproximadamente 200 pessoas. E, na primeira fila, estava sentado Leonardo Boff, com um grosso pulôver”. A defesa durou seis horas, com apenas uma breve pausa para almoço. Boff também fez uso da palavra, aberta ao público nas defesas norueguesas. Novamente falou durante a festa à noite. Boff “louvou o candidato, enalteceu as mulheres, todas elas em seus diferentes trajes regionais, elogiou a ótima comida, com as especialidades norueguesas de peixe. Então terminou seu discurso, proferido em alemão, com a frase: ‘Tudo é tão maravilhoso. Mas uma coisa me falta agora, após essa ceia: uma cachaça!’ Inicialmente, um silêncio total; um choque! Alguns ficaram totalmente pálidos. Boff havia tocado num tabu pietista norueguês. Mas logo depois, uma entusiasmada salva de palmas, mesmo que não da parte de todos. Novamente Boff havia polarizado. Ele expressou aquilo que muitos pensavam. Ele permitiu que seu coração humano pudesse falar – livre, porque libertado e por isso mesmo, tão humano”. Assim o relato de Hermann Brandt, cuja presença aqui entre nós gostaria de reconhecer de forma especial, tendo vindo da Alemanha para participar do seminário e prestigiar esta noite. Essa anedota mostra a importância da cozinha para Boff – um lugar de aconchego, de descanso, de humor, de festa e, não por último, de partilha. Sua luta tem sido e continua sendo para que todos e todas tenham algo, e suficiente, para comer e para beber.

Natureza – livros – cozinha. Talvez esses sejam, com exceção dos livros, elementos pouco ortodoxos para uma *laudatio* acadêmica. Mas me parecem adequados à autenticidade não apenas do pensador, do professor, do pastor, mas do ser humano, da pessoa Leonardo Boff. E se encaixam plenamente no que reza o regimento da Faculdades EST, quando diz que se outorga um título de doutor *honoris causa* “a personalidades eminentes que se tenham distinguido por suas atividades em prol do conhecimento, da causa humana ou do melhor entendimento entre os povos” e me resta apenas trocar o “ou” por um “e”: em prol do conhecimento, da causa humana e do melhor entendimento entre os povos. Saúdo nosso novo doutor *honoris causa* com a fórmula dos diplomas de doutorado na Europa: Quod felix, faustum, fortunatumque sit! – e em linguagem mais teológica: que Deus o abençoe.

Rudolf von Sinner